

Casa de brasileiros em Londres

A importância da casa para os imigrantes brasileiros

*Gustavo Tentoni Dias**

Após um dia de trabalho árduo dentro de uma abafada cozinha de um movimentado restaurante situado no sudoeste de Londres, durante os meses de verão, o subchefe brasileiro J. A., enquanto limpava rapidamente a sua sessão, comentou com um misto de cansaço e satisfação:

J. A.: Depois de um dia de trabalho como este, o que eu mais quero é voltar para casa, tomar um banho, colocar um chinelo e assistir televisão na minha cama.

A princípio aquela frase soou como sendo um simples desabafo de um imigrante que, após 13 horas de trabalho, apenas visualizava o chuveiro de sua casa e a cama que o aguardava. Entretanto, na medida em que fui conhecendo e convivendo com outros imigrantes brasileiros, foi possível constatar que frases e comentários similares ao citado acima estavam sempre presentes em suas falas. Sobretudo nos intervalos do trabalho, quando eles se reuniam para descansar e conversar, o assunto em torno da casa estava presente como sendo um espaço que trazia conforto e segurança, diante da vida que levavam em Londres.

Até aqui nada de novo se considerarmos que as definições existentes em torno das palavras *casa* e *lar* estão pautadas em conceitos que nos remetem

* *Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos/UFSCar, onde desenvolveu a dissertação de mestrado "Cultura, Política e Educação: A Segunda Campanha de Nacionalização do ensino (1938-1945)" e integrante do Grupo de Estudos sobre Brasileiros no Reino Unido - GEB.*

à ideia de proteção, segurança e privacidade. Todavia, o que mais me chamou a atenção nessas conversas, e queria tentar entender, era a associação de tais ideias, pelos imigrantes brasileiros, a espaços que não eram exatamente os seus lares, mas sim quartos alugados em casas que nem sequer tinham raízes com suas histórias pessoais e que eram habitadas por pessoas com quem não guardavam laços de parentesco.

Devido a esta observação feita durante um estudo etnográfico realizado junto a um grupo de brasileiros em Londres, este artigo propõe discutir a importância da casa no processo migratório, enquanto área de sociabilidade e preservação das regras socioculturais brasileiras. Para tal proposta, este estudo introdutório foi elaborado em torno de observação participante e entrevistas abertas realizadas com brasileiros que viviam e trabalhavam na capital inglesa por um período de um a cinco anos, na condição de imigrantes que um dia objetivavam retornar ao Brasil. Além disso, foram consultados autores da área de Antropologia Brasileira e Urbana, com o intuito de buscar um suporte teórico na interpretação do material etnográfico levantado.

A importância da primeira casa

Podemos considerar que, para muitos imigrantes, a busca por uma vaga numa casa habitada por outros imigrantes brasileiros – que, assim como eles, vivenciam a mesma experiência migratória – é a melhor forma de organizar-se pessoalmente em Londres. Esta é a oportunidade de aprender a se locomover na capital inglesa, conseguir um trabalho e, principalmente, amenizar os impactos emocionais provocados pelo distanciamento de sua terra natal e de familiares.

Sendo assim, a prioridade para o imigrante brasileiro é localizar um quarto numa casa que tenha moradores brasileiros. Todavia, conforme apontam entrevistas realizadas, grande parcela desses imigrantes já sai do Brasil com um local prévio para ficar em Londres. Em alguns casos, as informações são obtidas através de sites de relacionamentos e páginas eletrônicas dedicadas a oferecer informações e dicas sobre Londres.¹ Já em outros casos, há imigrantes que se valem do auxílio de outros migrantes que já estiveram ou ainda estão na capital britânica. Este é o caso de H. F. M, que em entrevista disse:

Gustavo Tentoni Dias: Como você conseguiu encontrar esta casa em que você está morando no momento?

H. F. M.: Eu tenho um primo que morou aqui em Londres. Antes de eu sair do Brasil, ele me deu umas dicas de como achar pensões baratas e casas de brasileiros, e foi isso que eu fiz.

Entretanto, como algumas entrevistas demonstraram, alguns imigrantes recém-chegados hospedam-se em casas de conhecidos da própria cidade de onde emigraram. Esse fenômeno ocorre particularmente com imigrantes de

idades brasileiras que funcionam como polo dispersor populacional e que têm, através de seus moradores, um forte *link* com certas cidades receptoras de fluxos migratórios. Esse é o caso de alguns municípios situados no interior dos estados de Goiás e Minas Gerais que, através de seus habitantes que viveram ou vivem a experiência migratória em Londres, mantêm uma forte ligação com a capital britânica.

Nesses casos, o recém-chegado – que pode ser amigo ou parente dos residentes – fica isento de pagar as primeiras semanas de aluguel, em virtude de ainda não estar trabalhando e não saber se locomover com segurança pela cidade. Lentamente esse novo morador vai sendo auxiliado pelos demais e, caso permaneça na casa após o período de adaptação, passa a assumir as responsabilidades assim como os demais.

É possível observar, ainda, que a primeira casa do imigrante, geralmente é provisória, sobretudo se os demais habitantes não forem da mesma nacionalidade. Ali, ele fica hospedado apenas durante as primeiras semanas, tempo necessário para poder localizar-se na cidade. Nesse caso, a primeira residência é obtida através do contato com terceiros e tanto o imigrante que acabou de chegar a Londres, quanto o imigrante que o está recebendo não se conheciam previamente. O que vale aqui é uma espécie de “relação de solidariedade” em receber o recém-chegado, por parte de quem está no processo migratório há mais tempo.

Dessa forma, notamos que a primeira casa em que o imigrante reside não será necessariamente aquela em que permanecerá residindo. Logo esse imigrante buscará um local que atenda às suas necessidades de ordem material e simbólica. Dentre elas estão: o preço do aluguel, o acesso aos meios de comunicação, a localização da casa e a distância da mesma em relação ao trabalho e, ainda, os residentes.

O valor econômico e cultural da casa

O valor do aluguel é de grande importância para o imigrante, principalmente se ele ainda está à procura de um trabalho rentável.² Basicamente, o locatário busca um valor de aluguel que oscile entre os £50 e os £80 semanais. Neste valor devem estar inclusos uma cama de solteiro e um armário (em quartos que podem ser divididos por até três pessoas), os gastos com os consumos de água e de energia elétrica e, ainda, a limpeza semanal da cozinha e do banheiro (cômodos utilizados em comum pelos moradores).

A forma mais popular para o imigrante encontrar um local para morar é através das revistas brasileiras que circulam em Londres, destinadas aos próprios imigrantes no Reino Unido. Dentre elas, destacam-se as revistas *Leros*, *Real*, *Brasil etc*, *Verbo vivo* e *brasil.net*, as quais têm circulação mensal e gratuita. Geralmente são disponibilizadas em estabelecimentos comerciais vinculados à comunidade brasileira como, por exemplo, casas de câmbio, lanchonetes e restaurantes, pequenos mercados e açougues.

Nestes periódicos há um espaço exclusivo para o anúncio de vagas disponíveis em casas ou apartamentos. Em geral, o locador vale-se de poucas linhas. No título ele especifica o cômodo que está alugando, depois num pequeno quadro há informações gerais do que ele tem a oferecer (a localização e proximidade de linhas do transporte público, eletrodomésticos presentes na casa, a forma de pagamento e se as contas de água, luz, internet e de limpeza já estão inclusas) e, por fim, o telefone de contato.

Os meios de comunicação que a casa oferece, assim como o valor do aluguel do quarto e a localização do imóvel, são quesitos importantes para o imigrante, enquanto parâmetros de comparação. O fato de uma casa ter um telefone fixo – em alguns casos com planos de ligação internacional – ou, então, acesso à internet, é sempre muito bem visto, pois o contato com os familiares no país de origem implica gastos considerados altos para o imigrante, sobretudo se ele tiver que realizar as ligações por meio de cartões telefônicos e do uso do telefone celular. No caso do telefone fixo, este possibilita a redução no gasto com ligações. Já no caso da Internet, além de reduzir mais ainda os gastos com chamadas, há a possibilidade do uso da *webcam*, um meio importante para o contato visual com familiares e com amigos. Tal recurso ameniza o longo tempo de separação que o processo migratório possa desencadear.

Cabe, ainda, ressaltar que em Londres há um rentável comércio em torno do aluguel de casas para brasileiros. Muitos dos locadores são os próprios brasileiros que já estão estabilizados e muitas vezes legalizados na cidade e que fazem desta prática econômica uma forma rentável para viverem e, também, acumularem dinheiro. Assim, financiam junto a um banco uma casa ou, então, alugam e a adaptam (transformam a sala num outro quarto) para poderem acomodar o maior número possível de moradores.

Este é o caso de inúmeras casas situadas na região noroeste e também norte da capital, especificamente no bairro de *Finsbury Park*. Conforme elucida entrevista realizada com o morador L. S. P.:

G. T. D.: Como vocês encontraram esta casa?

L. S. P.: Quando a dona desta casa avisou a gente de que ela ia devolver a casa, porque não está dando conta de administrar todas. Ela tinha mais de cinco e, agora, se tiver a que ela mora é muito. Uma colega nossa falou dessa brasileira que também alugava casa. Daí a gente ligou na mesma hora, arrumamos um carro e mudamos na noite.

G. T. D.: A dona da casa antiga também é brasileira?

L. S. P.: Sim, casada com um polaco, mas não sabem cuidar dos negócios.

G. T. D.: E como vocês pagam o aluguel nesta casa?

L. S. P.: Igual como pagávamos na outra. Todo dia 5 ela vem aqui e o M. G. é responsável por recolher o dinheiro da gente e daí entrega em mãos para ela.

G. T. D.: E o que vocês têm achado de morar aqui?

L. S. P.: Aqui é bem melhor, porque ela dá mais atenção na casa. Quando ela vem pegar o dinheiro, ela pergunta se está tudo bem ou se tem algum problema. Se tiver, o marido dela vem e arruma. A outra só queria saber do dinheiro.

G. T. D.: O marido desta é brasileiro?

L. S. P.: Sim. Os dois são do Paraná.

Conforme foi apontado anteriormente, muitos brasileiros optam por morar em determinada região de Londres e, quando têm que mudar da casa, procuram outra na mesma área. Esse fenômeno geralmente ocorre pelo fato do imigrante ter um conhecimento do espaço local (mercado, meios de transporte, áreas de lazer) e ter contato com outros brasileiros que também vivem nas proximidades e que, muitas vezes, podem ajudar num momento de necessidade e/ou desfrutar das horas de lazer juntos. Como demonstra M. N.:

M. N.: Nós daqui de casa (são três brasileiros que dividem o mesmo quarto, numa casa habitada por outras nacionalidades) fazemos parte do time dos brasileiros daqui do bairro e a gente vai começar outro campeonato agora.

G. T. D.: E como vocês conseguiram entrar nesse time?

M. N.: O F. já jogava no gol e quando o time estava precisando de mais dois atacantes, na hora ele chamou a gente.

G. T. D.: E quem são os outros do time?

M. N.: É só brasileiro. A galera que faz *cleaner* nas Igrejas daqui. Eu não conhecia eles antes, mas o pessoal também é daqui de *Manor House*. É um pessoal bem gente boa.

Além do valor do aluguel e da localização da casa, para o imigrante o fator “quem mora na casa” é o mais importante; a residência deve ser habitada, predominantemente, por brasileiros, pois assim será o local onde as regras sociais e práticas culturais brasileiras prevalecerão, ou seja, haverá comemorações natalinas e de *reveillon*, festas de aniversário, churrascos e almoços dominicais esporádicos, os quais são realizados nos moldes brasileiros, com decorações, pratos e presentes típicos da cultura nacional. Em outras palavras, é a tentativa de reproduzir no espaço privado da casa os valores identitários nacionais. Citando uma passagem da entrevista realizada com E. O.:

G. T. D.: E como foi a festa de Natal deste ano? Passou na sua casa?

E. O.: Sim, eu e meu namorado ficamos em casa. Foi legal, fizemos um churrasquinho com carne que compramos num açougue brasileiro, tinha feijão tropeiro, cerveja, champagne, salada de maionese, uma bandeja de frutas e torta de sonho de valsa.

G. T. D.: Só havia brasileiros na festa?

E. O.: Só o pessoal de casa e uns amigos nossos. Foi bem gostoso. Só tinha a brasileirada... (risos).

Além de ser o local onde ocorrem encontros, e reuniões e onde comemorações são celebradas, a casa também é o local onde o imigrante pode chegar depois de um exaustivo dia de trabalho e encontrar a companhia dos demais moradores brasileiros. E, assim, conversar sobre o que aconteceu durante o dia, desabafar as angústias e dificuldades encontradas na experiência migratória ou, então, apenas mais uma vez falar dos planos e da vida que quer ter quando retornar ao Brasil. Consequentemente, é nesse espaço que ele pode “respirar” a cultura brasileira e, também, dividir suas ansiedades, transformando aquela casa em um lar capaz de fazê-lo sentir-se mais à vontade, mesmo longe do Brasil.

Esta afirmação pode parecer-nos óbvia, porém tem um sentido importante em termos da cultura brasileira. Conforme afirma o antropólogo Roberto DaMatta:

[...] Metáforas e símbolos em que a casa é contrastada com a rua são, pois, abundantes numa sociedade onde casa é concebida não apenas como um espaço que pode abrigar iguais (como é o caso da família norte-americana) e está sujeita às normas vigentes na rua, mas como uma área especial: onde não existem indivíduos e todos são pessoas, isto é, todos que habitam uma casa brasileira se relacionam entre si por meio de laços de sangue, idade, sexo e vínculos de hospitalidade e simpatia que permitem fazer da casa uma metáfora da própria sociedade brasileira (DAMATTA, 1997, p. 37).

Notamos, então, que no espaço privado da casa, mesmo que entre os residentes não existam quaisquer laços de parentesco, eles se consideram iguais, pois provêm do mesmo país e possuem os mesmos valores culturais, que os ligam como “irmãos” de uma mesma identidade perante os *outros* que circulam pelo espaço público da rua.

Para além do espaço privado da casa

Em contraste ao espaço privado da casa e suas características, o imigrante encontrará o espaço público da rua. Tão importante quanto o primeiro para a elaboração da sua identidade, será na rua que ele irá atrás dos postos de trabalho onde grande parte da comunidade migratória brasileira trabalha;³ o supermercado e as áreas onde podem ser encontrados produtos brasileiros; a casa de câmbio, onde se faz a remessa regular de dinheiro para o Brasil e, também, os lugares de lazer como, por exemplo, bares e clubes destinados ao público brasileiro.

Todavia, o espaço da rua é o local onde o imigrante brasileiro também encontrará o *outro* – britânico – ou os *outros* – demais grupos migratórios encontrados em Londres –, com diferentes costumes e hábitos, além de falar um idioma – o inglês – muitas vezes desconhecido e até incompreensível para o brasileiro. Devido ao estranhamento causado pelo novo cenário e seus moradores, a rua é um espaço que requer cautela, conforme Dias elucida:

Assim como ocorre no espaço privado da moradia, na rua novos hábitos e códigos de conduta precisam ser assimilados e incorporados o mais rapidamente possível para que ele possa se locomover pela cidade. Entretanto, diferentemente do que acontece no espaço da Casa, na rua as regras são regidas pelo idioma inglês, do qual a maioria dos entrevistados migrantes detém apenas o conhecimento mínimo para diálogos breves e estritamente funcionais. Este dado torna o espaço público ainda mais hostil do que aparenta, sobretudo quando há o contato com o outro – o nativo – ou os outros – demais grupos migratórios que também buscam o acúmulo financeiro na capital inglesa (DIAS, 2009, p.10).

Neste território, considerado arriscado uma vez que o migrante, ocasionalmente, encontra-se sem a companhia dos “seus” (e sem possibilidade de utilizar o idioma português para se comunicar), ele buscará a outra face necessária para a elaboração da sua identidade de imigrante. E, assim, podemos ver a distinção entre o espaço privado da casa e o espaço público da rua. Como DaMatta considera:

Em todo caso, se a casa distingue esse espaço de calma, repouso, recuperação e hospitalidade, enfim, de tudo aquilo que define a nossa idéia de “amor”, “carinho” e “calor humano”, a rua é um espaço definido precisamente ao inverso. Terra que pertence ao “governo” ou ao “povo” e que está sempre repleta de fluidez e movimento. A rua é um local perigoso (DAMATTA, 1997, p. 40).

A rua é, portanto, um espaço hostil onde o uso do idioma inglês é necessário, o contato com o *outro* ou os *outros* será feito e onde estão presentes códigos e condutas considerados estranhos pelos imigrantes. Além disso, a rua é o local onde, a qualquer instante, os agentes de migração do *Homme Office* ou, em linguagem do próprio grupo, os “homens de preto” podem aparecer⁴ e conferir se a documentação do imigrante está em situação regular. Caso não esteja, este pode ser detido e deportado. A rua, portanto, pertence ao governo britânico, e o imigrante está sujeito às suas leis.

Contudo, esse imigrante não pode ficar confinado no espaço privado da casa, especialmente quando se trata do recém-chegado. Sendo assim, ele contará com a ajuda dos moradores da casa com “mais tempo de Londres”, que o auxiliarão a se lançar no espaço da rua e, ainda, inserir o mesmo, gradualmente, na rede migratória brasileira. Esse é um ponto essencial, pois indica que entre os imigrantes residentes na casa, há um *capital cultural* (BOURDIEU, 1991, p. 11) que os dispõem numa hierarquia interna. Como ressalta M.G. em entrevista:

G. T. D.: Como você considera a possibilidade de morar com brasileiros que estão há mais tempo em Londres?

M. G.: O bom de você morar em casa de brasileiros que já estão há mais tempo em Londres é que eles já têm as “manhas” de como andar na cidade,

onde comprar as coisas mais baratas, contato de empregos e sabem quem é de confiança e quem é “traíra”.

G. T. D.: Foi o caso deste emprego em que você trabalha atualmente?

M. G.: Sim. Ele me levou pra abrir a conta de banco numa agência de um conhecido dele que fala português e tem as “manhas” para abrir a conta. E para os documentos ele tem contato com uns brasileiros que só mexem com isso.

Este *capital cultural*, constituído pela apropriação dos bens simbólicos da cidade e do conhecimento dos “canais” ou “caminhos” é adquirido ao longo do tempo de permanência do imigrante na terra receptora. Sendo assim, os imigrantes mais antigos possuem o conhecimento necessário para se locomoverem pelos “trajetos” (MAGNANI, 2008, p. 43) mais importantes da cidade, conhecem, por exemplo, como abrir uma conta bancária⁵ e, ainda, podem garantir possíveis indicações de trabalho. Usualmente, é este imigrante com mais tempo em Londres que auxiliará os novatos a se lançarem ao espaço público ou, valendo-se do conceito de DaMatta (1997), ajudará os “seus” a saírem de casa e conquistarem o espaço da rua.

Conclusão

Este estudo procurou, de forma sucinta, apresentar como os imigrantes brasileiros transformam o espaço privado da casa em um local de preservação das regras socioculturais brasileiras e promoção da sociabilidade entre os mesmos em Londres. Tal elaboração pode ser interpretada como uma tentativa de amenizar os impactos culturais e, também, psicológicos promovidos pelo fenômeno migratório. Sendo assim, conversar em português, festejar datas importantes para a sociedade brasileira e, ainda, desfrutar as horas de lazer junto com outros conterrâneos são alguns dos principais motivos que fazem com que a busca por uma casa, na qual vivam brasileiros, seja considerada uma prioridade para os imigrantes brasileiros quando chegam à capital britânica.

Além disso, foi demonstrado como, através do espaço privado da casa e do auxílio dos demais moradores, o imigrante recém-chegado tem a possibilidade de se inserir na rede de brasileiros presentes em Londres. Dessa forma, a oportunidade de residir com outros imigrantes provindos da mesma cidade e/ou com imigrantes que já estão há mais tempo em Londres é a chance de buscar auxílio em alguém que, além de compartilhar a mesma cultura nacional, pode ensinar o novato a compreender a dinâmica da *sociedade de imigração* (SAYAD, 1991) e facilitar a rápida e necessária adaptação do mesmo em Londres.

Notas

1 - Dentre os sites de relacionamentos podemos destacar o Orkut – www.orkut.com –, que oferece uma infinidade de comunidades agrupadas em torno de temas relacionados a Lon-

dres, geralmente criadas por brasileiros que residem no Reino Unido. Já em relação a sites especializados em informações e dicas sobre Londres, destacam-se OiLondres! – www.oilondres.com –, eLondres – www.elondres.com – e Primeiro Amigo – www.primeiroamigo.com.

2 - Trabalho rentável seria aquele emprego que possibilita pagar as despesas realizadas em Londres e, ainda, enviar regularmente para o Brasil um valor considerado suficiente para os seus objetivos.

3 - Em geral, as vagas de emprego são encontradas em setores como: limpeza comercial e residencial, hotéis, restaurantes e *pubs*, construção civil, serviços de entrega e *au pair*. Entretanto, “embora o denominador comum de tais atividades seja o baixo nível de qualificação exigido, a divisão sexual do trabalho pode mostrar-se bastante diferenciada (...) os homens [em geral] trabalhavam na construção, e como motoristas e entregadores, enquanto as mulheres trabalhavam como babás. Observa-se, também, que mais homens do que mulheres trabalhavam em hotéis, bares e restaurantes, enquanto as mulheres predominavam em tarefas de limpeza, mas eram também mais suscetíveis de ficarem sem trabalho do que os homens” (EVANS et al., 2007).

4 - Alusão aos agentes do filme “Homens de Preto” (1997). Estes agentes pertenciam à organização secreta MIB, criada pelo governo americano para investigar a presença de alienígenas na Terra. Segundo os imigrantes brasileiros, os agentes do *Homme Office* costumam se vestir de terno preto.

5 - Para a abertura de contas bancárias, em Londres, faz-se necessário o uso de documentos pessoais e do local de trabalho. Diante desta situação, muitos imigrantes ilegais buscam a falsificação de documentos ou, então, agências bancárias que facilitam a abertura de conta, fazendo pouco caso para os documentos exigidos.

Referências

- BOURDIEU, P. Um analista do inconsciente. In: SAYAD, A. *A Imigração* ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: Edusp, 1991. p. 9-13, Introdução.
- EVANS, Y. et al. *Brazilians in London: A report for the Strangers into Citizens Campaign*. London: Department of Geography, Queen Mary, University of London. 2007. Disponível em: < <http://www.geog.qmul.ac.uk/globalcities/reports/docs/brasileiros.pdf> > . Acesso em: 24 de set. 2009.
- DAMATTA, R. *A Casa & Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1997.
- DIAS, G. O processo de fixação do migrante brasileiro em Londres: a importância das práticas cotidianas na elaboração de sua identidade. In: *Ponto Urbe* revista do núcleo de antropologia urbana da USP. São Paulo, nº 4, 2009. Disponível em: < <http://www.pontourbe.net/04/dias-pu-04.html> > . Acesso em: 12 de out. 2009.
- MAGNANI, J. & TORRES, L. (orgs.) *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2008.
- SAYAD, A. *A Imigração* ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: Edusp, 1991.

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar a importância da casa no processo migratório de brasileiros para Londres. Partindo da premissa de que a sociedade brasileira concebe o espaço privado da casa como um local que pode abrigar iguais e garantir a segurança de todos, em oposição ao espaço público da rua (DAMATTA, 1991), este texto busca investigar se estas

características da cultura brasileira se fazem presentes, também, entre os brasileiros que se encontram fora do território nacional. Para dar corpo a esta indagação, o artigo conta com os resultados colhidos num estudo etnográfico, acompanhado de entrevistas, que vem sendo desenvolvido junto a um grupo de aproximadamente dez jovens brasileiros , além de uma bibliografia previamente selecionada .

Palavras-chave: imigrantes brasileiros; casa; Londres.

ABSTRACT

Considering that Brazilian society interpret the private space of home as a place that can shelter and ensure the security of its inhabitants, in opposition to the concept of street as a public space (DAMATTA, 1991), my study examines whether this characteristic of Brazilian culture is also present among Brazilian people who live abroad. This article looks at the importance of home in the migratory process of Brazilians to London and bases its discussion on data collected through ethnographic fieldwork and interviews done with a group of 10 young undocumented Brazilian immigrants.

Keywords: Brazilian immigrants; home; London.